

Povo se manifesta

Brasília — Na instalação da Assembleia Nacional Constituinte, o povo, que ocupou o gramado do Congresso Nacional na votação das diretas já, na eleição do ex-presidente Tancredo Neves e na posse do presidente José Sarney, desta vez ficou fora da festa. Contida por cordões de isolamento e forte aparato policial, que mobilizou mais de 200 PMs armados de cassetetes e revólveres, a multidão de 15 mil pessoas vaiou autoridades, gritou palavras-de-ordem e mostrou seu inconformismo.

Apesar de toda a segurança, dois personagens conseguiram driblar os policiais e escalar a rampa do Congresso: o cacique tucaramãe, Raoni, e o menino de rua João Belém de Souza, de oito anos. Atrás dos cordões de isolamento, distante 70 metros da rampa, organizaram-se no centro do gramado, numa espécie de lotação política, as delegações da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Central Geral dos Trabalhadores, Contag (Confederação dos Trabalhadores da Agricultura), PT, PMDB, PCB, PC do B, PDT e PTB. Mais atrás, ficou a UNE (União Nacional dos Estudantes). A um quilômetro do Congresso, um pelotão do Batalhão de Choque da PM descansava à sombra das árvores, com seus cães.

Bandeira rasgada

Os primeiros a chegar ao gramado do Congresso foram os biscoiteiros, vendedores de picolés e refrigerantes e os proprietários de trailers. Primeira deceção: os gramados, costumeiramente livres durante as manifestações, desta vez estavam cercados por cordões de isolamento. Faixas, só nos limites superiores do gramado. Os populares mais madrugadores apareceram por volta das 9 h, e formaram rodas de animado pagode. Na lateral esquerda da Praça do Congresso, os militantes do PMDB-DF Wellington de Queiroz e Inaldo Fernandes tentavam costurar a enorme bandeira do partido, de 25 metros de largura por 30 de comprimento, danificada durante comício na cidade-satélite de Taguatinga. "Estamos censurando o PMDB, esperamos que os constituintes consentem o país", comentaram em tom irônico. Nas barraquinhas, o ágio corria solto. A lata de cerveja, com preço tabelado em Cr\$ 8,00, era vendida a Cr\$ 20,00. Refrigerantes custavam Cr\$ 10,00 e um copo de água mineral, Cr\$ 5,00.

Na chegada dos constituintes, um grupo de manifestantes de Volta Redonda, que protestava contra a privatização da Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM), cobrou posição energica de defesa das estatais. Liderados pelo vice-prefeito da cidade, Luis Alberto Leite (PDT), e pela ex-deputada Rosalice Fernandes, cercaram o carro do senador Humberto Lucena (PMDB-PB) que na mesma hora propôs a criação de um bloco parlamentar de defesa das estatais. O deputado Miro Teixeira (PMDB-RJ), que vinha logo atrás, concordou com a ideia.

Por volta das 14h, horário combinado

pela CUT para a concentração dos manifestantes, o gramado do Congresso começou a encher. Faixas, cartazes e bandeiras foram abertos e empunhados pelos militantes dos diversos partidos. "Constituintes, estamos vigilantes", "Suspensão do pagamento da dívida externa", "Salário mínimo para os constituintes", "CUT e CGT pedem estabilidade no emprego e jornada de 40 horas semanais" eram algumas das faixas empunhadas pelos manifestantes. Às 15h, cerca de 2 mil trabalhadores atravessaram a Esplanada dos Ministérios, parando em frente ao Ministério da Justiça para protestar contra os "grileiros que permanecem fora das cadeias", antes de seguirem para o gramado do Congresso. Performáticos, 20 estudantes que caminharam mais de 250 quilômetros para assistir à Constituinte, vindos de Goiânia, queimaram um livro de isopor de 1,50m de comprimento por 1m de largura, significando o fim da "Constituição da ditadura".

Vaias e discursos

Depois de negociar por toda a manhã com a segurança do Congresso, os dirigentes da CUT conseguiram ligar o carro de som e iniciar os discursos. Falaram o presidente do PT, Luís Inácio da Silva, o presidente da CUT, Jair Meneguelli, o dirigente da CGT, Oswaldo Ribeiro, a presidente da UNE, Gisela Mendonça, um dos dirigentes do PMDB-DF, Antônio Flores (vaiado durante todo o discurso), o cacique Raoni, a presidente da Confederação Nacional das Associações de Moradores, Socorro Gomes, além de representantes de sindicatos e entidades de classe.

Os manifestantes vaiaram todo o trabalho de instalação da Constituinte, que era transmitido para fora através de alto-falantes. A chegada do presidente do Supremo Tribunal Federal, Moreira Alves, e a caminhada solitária do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, provocaram fortes vaias e gritos de "Sarney, Funaro, devolvam meu salário". "O povo não esquece, Sarney é PDS". O tom de protesto foi quebrado, pouco depois, com a chegada inesperada do menino João Belém de Souza. Calmamente, ele atravessou os cordões de isolamento, subiu a rampa e, cercado de fotógrafos, cinegrafistas e repórteres, chegou à porta do Congresso para "pedir um lanche". Coberto guardado em um saco jogado no ombro, João sentou-se e recebeu dos seguranças uma garrafa de guaraná, um cachorro-quente e rejeitou um pão de queijo.

O cacique Raoni, após discursar na Kombi da CUT, subiu a rampa adornado por um cocar de penas verdes de arara e tentou entrar no Congresso. Impedido pelos seguranças, que rapidamente fecharam a porta, Raoni esmurrôr o vidro, esbravejou contra os policiais, mas foi barrado. Em protesto, disse que "não iria mais conversar com os chefes brancos do governo e muito menos com os da Funai". Desceu a rampa, sob os olhares curiosos e divertidos dos Dragões da Independência. Foi aplaudido pelo povo.

Brasília — Ana Carolina Fernandes



Barreira de policiais manteve o protesto, com suas faixas e cartazes, longe do Congresso

Brasília — José Varella



Os pagodeiros foram dos primeiros a chegar à Praça dos Três Poderes para participar do momento histórico

Jofre é militante do Partido Comunista do Brasil

Ex-combatente acredita em pressão do povo

Brasília — O ex-combatente da FEB Jofre Corrêa Neto, 65 anos, enfrentou uma dura batalha para chegar até o gramado do Congresso Nacional, de onde esperava assistir à instalação da Assembleia Nacional Constituinte. Viajou 48 horas de ônibus de Ribeirão Preto (SP), onde trabalha junto aos camponeses. Usando uma boina verde com insígnias da campanha brasileira na Itália, durante a II Guerra Mundial, Jofre ficou emocionado ao ver inúmeras bandeiras de seu partido, o Partido Comunista do Brasil.

"Sempre fui um comunista. Aliás, por onde já nasce comunista, vítima da pró-

pria miséria. Você não sabe como me emociono vendo todas essas bandeiras e a juventude do partido em ação. Fui baleado várias vezes pelas forças da repressão, fiquei preso no Dops de São Paulo 34 dias, semi-inconsciente de tanto espanhão e agora estou aqui, dormindo na rodovia, vivendo de cafetinho, mas acredito que o povo pode fazer pressão e virar a mesa da Constituinte".

Jofre Neto, que votou em Orestes Querino e Mario Covas, aproveitou para encaminhar as reivindicações dos ex-combatentes: Nós fomos a Itália dar nosso sangue pelo Brasil contra o nazismo e estamos aqui esquecidos. Recebemos Cr\$ 2 mil 400 por mês e não temos qualquer privilégio, como em outros países da Europa. Não temos sequer o direito de viajar com passagem livre nos ônibus municipais, intermunicipais e interestaduais. Gostaria que os constituintes olhassem para nós, ex-soldados que fomos até o front, dando-nos o direito de pelo menos morrer com dignidade".

Esgoto e falta tudo. Achei que a gente iria poder ver os deputados e senadores lá dentro, mas já que a polícia não deixa, o negócio é ficar aqui mesmo do lado de fora — conformou-se Angelina, que é doméstica e, desde que seu filho nasceu, está desempregada.

Angelina, que votou em Orestes Querino para governador de São Paulo, porque "ele foi um bom prefeito lá em Campinas", estava acompanhada da presidente da Associação de Moradores da Favela Vila Nogueira, Ginalva da Silva, e do vice-presidente da entidade, Sebastião Oliveira da Rocha.

A viagem só termina hoje à tarde, quando Angelina desembarcará com o filho em Campinas, ainda cheia de esperança:

— Essa lei que eles vão fazer ai é para o meu filho Tiago viver com mais democracia e dignidade, e não passar os apertos que nós passamos.

Favelado viaja 18 horas com filho no colo

Brasília — Às 19 horas de sábado, Angelina Fortunato Carvalho, 20 anos, embarcou num ônibus na cidade de Campinas (SP) para realizar seu sonho de ver instalada a Constituinte. Foram 18 horas de viagem com seu filho Tiago, de cinco meses, com quem mora num barracão na favela Vila Nogueira. Sob um sol de quase 40 graus, Angelina protegia o filho com uma sombrinha colorida, enquanto falava da esperança de que a nova Constituição pudesse melhorar suas condições de vida.

— Não dormi a viagem toda, de emoção. Moro numa favela onde não tem

Lula estreou terno novo e gravata

Brasília — Ao contrário do ex-ministro Delfim Netto, o ex-presidente de sindicato Luiz Ignácio Lula da Silva sentiu alguma emoção com a instalação da Constituinte: pôde estrear um conjunto de terno verde claro e uma gravata marrom, comprados especialmente para a ocasião. "A última vez que botei uma roupa dessa foi há dois anos, durante o governo do presidente João Figueiredo, quando fui julgado", lembrou. "Como me sinto?", perguntou, e em seguida respondeu: "Desconfortável".

Além do desconforto, Lula também sentiu deceção, especialmente com o discurso do presidente do Supremo Tribunal Federal. "Foi muito bonito ele ter lembrado as Constituições dos séculos dezoito e dezenove, e ter demonstrado conhecer a história da França e da Grã-Bretanha", disse Lula, que antecontou foi eleito líder do PT e que antes da cerimônia discursou para um grupo de sindicalistas no gramado em frente do Congresso, incentivando a pressão social. "Mas foi uma pena que não se tratou, durante a cerimônia, da realidade do



Terno incomodou Lula

Brasil de hoje e que os partidos foram impedidos de tomar a palavra e explicar suas propostas para a nova Constituição.

Como todos os líderes de partido, Lula deveria ter deixado a sua cadeira, antes da Constituinte ser instalada, para buscar o presidente José Sarney na porta do plenário do Congresso e levá-lo à mesa. Mas ficou imóvel. "Não vi necessidade em buscar Sarney", explicou depois. "Eu estou machucado e vim até aqui sozinho", disse, mostrando um corte na canela esquerda.

O orgulho de quem volta pela 7ª vez

Brasília — No meio do superlotado plenário da Câmara, onde tomou posse pela oitava vez como deputado, o cearense Furtado Leite, do PFL, podia orgulhar-se de uma silenciosa cumplicidade com Ulysses Guimarães, que presidia a sessão: de todos os deputados presentes, apenas os dois têm mandatos consecutivos desde que a Câmara funcionava no Palácio Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro.

Desta vez lutou muito na campanha, para ter a oportunidade de participar da elaboração da nova Constituição — diz Furtado, 72 anos, que acordou cedo como um estreante, foi ao Congresso no próprio carro — com motorista particular — e estava entre os primeiros a acomodar-se no plenário, antes das nove da manhã.

— E este, — assegura, — será o meu último mandato.

Furtado foi eleito pela primeira vez em 1958, oito anos depois de Ulysses. Atuou muito mais nas comissões técnicas da Câmara do que como orador, no plenário. Mas foi ali no meio dos outros deputados, que expe-



Furtado Leite, pionheiro

riu a única grande emoção da longa carreira. "Quando o capixaba Dirceu Cardoso interrompeu a sessão da Câmara, aos gritos, para comunicar a renúncia de Jânio Quadros" — recorda — "cheguei a chorar de deceção".

Depois disso, entrou na rotina do trabalho de deputado, e só a Constituinte injeta-lhe algum ânimo novo:

— Quero mudar a atual Constituição, na qual o Executivo tornou-se o maior adversário do Parlamento", diz ele.

O momento de que menos gostou durante os 28 anos na Câmara foi quando teve de trocar o Rio por Brasília. "Foi como deixar a cidade civilizada para voltar a conviver com a selva", lamenta.

Delfim só se emociona no dentista

Brasília — O ex-ministro Delfim Neto não foi contagiado por "emoção alguma" ao assumir sua cadeira de constituinte e deputado federal pelo PDS de São Paulo.

— Só fico emocionado quando vou ao dentista — traduziu-se Delfim, único parlamentar valiado na cerimônia de instalação da Câmara, que quer "funcionando normalmente durante os trabalhos da Constituinte".

Elegante, vestido de azul-milho, risonho e muito cordial, Delfim tentou ser discreto na sua estreia como parlamentar. Não conseguiu. Dividiu com Ulysses Guimarães cumprimentos e o círculo da imprensa.

Falou pouco. Defendeu seis anos de mandato para Sarney, o parlamentarismo, a reforma do sistema tributário. Prometeu apresentar logo "um projeto de novo estatuto para as estatais".

Protegido pela presença constante de seus assessores, Gustavo Silveira, Sérgio Faria Lemos e Paulo Isotá, nos corredores do Congresso, e dos companheiros de bancada, no plenário, superou as vaias da manhã



Delfim falou pouco

exibindo à tarde, durante a sessão de instalação da Constituinte, seu prígio com a classe política. Colheu abraços e cumprimentos efusivos dos seus companheiros de bancada e de pemedebistas e peffelistas ilustres, como José Serra, Ulysses Guimarães e Francisco Dornelles, com quem manteve um longo e afetuoso cochicho. Só superado pela constante troca de impressões à meia-voz com o deputado Amaral Neto e com o deputado Jarbas Passarinho, líderes do PDS.

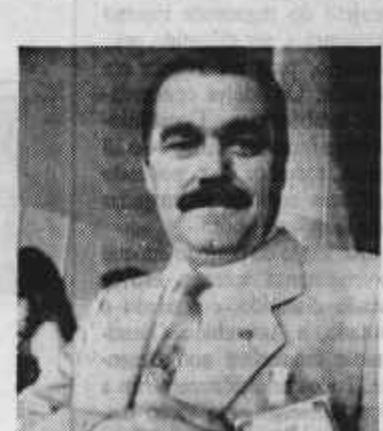
— Uma conspiração?

— Nem emoção, nem conspiração. Só muito trabalho, muita observação.

Novato leva família toda para a posse

Brasília — Desembarcar em Brasília com quatro filhos, duas noras e dois genros já é uma tarefa complicada para qualquer turista. Para um deputado federal constituinte que sai de seu estado conhecido por 80 mil eleitores e chega à capital do país sem conhecer ninguém, torna-se mais complicado ainda. O paranaense Matheus Jansen, 50 anos, cantor evangélico com 18 LPs gravados e dono da terceira maior votação do estado, viveu os constrangimentos que um cidadão simples enfrenta ao desembarcar no centro do poder nacional.

Antes de tudo, ficou claro que a família não caberia no apartamento funcional cedido pela Câmara dos Deputados. Resultado: Matheus Jansen e sua mulher foram obrigados a alugar uma suite no Hotel Saint Paul, deixando o restante da família no apartamento. Sem gabinete e tendo no círculo evangélico a quem pertence os únicos amigos, foi no apartamento que todos aproveitaram o sábado em Brasília. O domingo, com toda a solidariedade necessária, ficou reservado à Constituinte.



De manhã, terno cinza, gravata azul degradê, sapatos e meias iguais ao terno. À tarde — banho tomado — terno marrom, camisa, meias e sapatos no mesmo tom. No círculo, brilhantina, e na lapela, o escudo identificando-o como deputado constituinte. Assim Matheus Jansen circulou nas cerimônias de posse na Câmara. Acompanhou atentamente todos os detalhes, cantou o Hino Nacional, aplaudiu o presidente Sarney e não conseguiu evitar uma pequena cochilada no longo e cansativo discurso do presidente do STF, Moreira Alves.